

## A NECESSIDADE DE FORMAÇÃO DOCENTE PARA A LEITURA LITERÁRIA: UM OLHAR SOBRE A CONSTRUÇÃO DO NEGRO EM ÚRSULA

*Eloisa Baía*<sup>1</sup>

 <https://orcid.org/0000-0002-3415-2868>

*Geovanna D'Agostini*<sup>2</sup>

 <https://orcid.org/0000-0003-3473-7193>

*Karen Moscardini*<sup>3</sup>

 <https://orcid.org/0000-0002-9574-7910>

**Resumo:** O trabalho com a literatura associada a temas importantes na nossa sociedade surge da necessidade de ações que provoquem reflexão e mudança, o que o torna ferramenta didática de repercussão cultural, histórica e temporal para a construção de uma mentalidade que ultrapasse o senso comum e instrumentalize estudantes para se posicionarem perante práticas cidadãs. Nessa perspectiva, este artigo apresenta discussões pertinentes a uma leitura comparativa entre a obra de Maria Firmina dos Reis, “Úrsula” e “O Cortiço” de Aluísio de Azevedo, ressaltando a importância da formação docente para uma abordagem literária que explore a estilística, mas que reconheça suas potencialidades como reflexo e denúncia da sociedade. Os estudos trouxeram à luz temas presentes em “Úrsula” de Maria Firmina dos Reis e o seu posicionamento como porta-voz na constituição da identidade de uma parcela fundamental do povo e da sociedade, visto ter sido a primeira mulher negra a explorar o território da literatura nacional. Na análise de “Úrsula”, tornou-se evidente a preocupação da autora em conceder um ambiente, no qual a voz do negro seja ouvida, para que haja a possibilidade de que ele mesmo conte sua história de maneira jamais vista na Literatura Brasileira. O posicionamento de Firmina em relação a essa parcela fundamental da sociedade brasileira revela uma visão vanguardista e revolucionária que merece ser reconhecida e explorada por pesquisas e estudos.

**Palavras-chave:** literatura; formação docente; leitura crítica; raça.



<sup>1</sup>Graduanda em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: [eloisarrbaia@gmail.com](mailto:eloisarrbaia@gmail.com).

<sup>2</sup>Graduanda em Letras pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: [geovanna.romanolli@uel.br](mailto:geovanna.romanolli@uel.br)

<sup>3</sup>Doutora em Letras pelo Programa de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Professora do Instituto Federal do Paraná – Campus Londrina (IFPR). E-mail: [karen.moscardini@ifpr.edu.br](mailto:karen.moscardini@ifpr.edu.br).

## THE NEED FOR TEACHER TRAINING IN LITERARY READING: A LOOK AT THE CONSTRUCTION OF THE BLACK MAN IN ÚRSULA

**Abstract:** The work with literature associated with important themes in our society arises from the need for actions that provoke reflection and change, which makes it a didactic tool of cultural, historical and temporal repercussion for the construction of a mentality that goes beyond common sense and equips students to position themselves towards citizen practices. In this perspective, this article presents discussions pertinent to a comparative reading between Maria Firmina dos Reis' "Úrsula" and Aluísio de Azevedo's "O Cortiço", highlighting the importance of teacher training for a literary approach that explores the stylistics, but recognizes its potentialities as a reflection and denunciation of society. The studies brought to light themes present in "Úrsula" by Maria Firmina dos Reis and her positioning as a spokesperson in the constitution of the identity of a fundamental portion of the people and society, since she was the first black woman to explore the territory of national literature. In the analysis of "Úrsula", it became evident the author's concern in granting an environment in which the voice of the black man can be heard, so that he can tell his own story in a way never seen before in Brazilian Literature. Firmina's position in relation to this fundamental portion of Brazilian society reveals an avant-garde and revolutionary vision that deserves to be acknowledged and explored by research and studies.

**Keywords:** literature; teacher training; critical reading; race.

## LA NECESIDAD DE LA FORMACIÓN DEL PROFESORADO PARA LA LECTURA LITERARIA: UNA MIRADA A LA CONSTRUCCIÓN DEL HOMBRE NEGRO EN ÚRSULA

**Resumen:** El trabajo con la literatura asociada a temas importantes de nuestra sociedad surge de la necesidad de realizar acciones que provoquen la reflexión y el cambio, lo que la convierte en una herramienta didáctica de repercusión cultural, histórica y temporal para la construcción de una mentalidad que vaya más allá del sentido común y capacite a los alumnos para posicionarse hacia prácticas ciudadanas. En esta perspectiva, este artículo presenta las discusiones pertinentes a una lectura comparativa entre la obra de Maria Firmina dos Reis, "Úrsula" y "O Cortiço" de Aluisio de Azevedo, destacando la importancia de la formación del profesorado para una aproximación literaria que explore la estilística, pero reconozca su potencial como reflexión y denuncia de la sociedad. Los estudios sacaron a la luz temas presentes en "Úrsula" de Maria Firmina dos Reis y su posicionamiento como portavoz en la constitución de la identidad de una porción fundamental del pueblo y de la sociedad, ya que fue la primera mujer negra en explorar el territorio de la literatura nacional. En el análisis de "Úrsula", se hizo evidente la preocupación del autor en otorgar un ambiente en el que se escuche la voz del negro, para que exista la posibilidad de que cuente su propia historia de una manera nunca antes vista en la literatura brasileña. La posición de Firmina en relación con esta parte fundamental de la sociedad brasileña revela una visión vanguardista y revolucionaria que merece ser reconocida y explorada por investigaciones y estudios.

**Palabras clave:** literatura; formación de profesores; lectura crítica; raza.

## Introdução

O tratamento do negro na história e na literatura sempre foi um tema complexo. Assim como o da mulher, quanto mais o da mulher negra. Uma abordagem superficial e unilateral predominou nas artes brasileiras devido à indiferença e à falta de empatia de grande parte da sociedade em relação ao indivíduo negro e sua cultura como um todo. Atualmente essa discussão se encontra em voga com um tom delicado e respeitoso devido ao peso histórico do preconceito e da discriminação vinculados à escravidão e o processo de formação da sociedade brasileira. Essa virada de tratamento, de representatividade, ocorreu há pouco tempo, mais precisamente no século XIX.

Por meio de um discurso pseudocientífico<sup>4</sup>, há uma tendência naturalista<sup>5</sup> que, com frequência, faz tentativas de introdução do discurso científico na literatura, por vezes infundado e inclusive refutado, como no caso da “teoria da hierarquização das raças”, que coloca o negro no nível mais baixo da hierarquia, ao lado do índio.

Essa visão denota ao negro vários prismas estereotipados: o negro vítima, subalterno e animalizado, ultra sexualizado, marginal, violento e passional. Entretanto, a produção de Maria Firmina dos Reis se difere de todos esses aspectos, mais especificamente no romance “Úrsula”, uma vez que essa é a primeira obra da literatura brasileira que concede um ambiente para que a voz do negro seja ouvida, bem como a valorização da sua identidade, personalidade e razão. Portanto, essa obra veio para quebrar paradigmas.

Além de ser um tema transversal que abrange não somente a literatura, mas questões histórico-sociais a serem trabalhados nas escolas de ensino médio, presente ao se tratar do “multiculturalismo” - Diversidade cultural e educação para a valorização do multiculturalismo nas matrizes históricas e culturais brasileiras (BRASIL, 2018) - é uma questão de cidadania introduzir no trabalho literário escolar a perspectiva identitária do negro e da mulher sob seu próprio ponto de vista,

---

<sup>4</sup> Discurso pseudocientífico é qualquer discurso que se diz baseado em fatos científicos ou que propõe um alto padrão de conhecimento, mas não resulta da aplicação de métodos científicos.

<sup>5</sup> A tendência naturalista abarca um posicionamento radicalmente realista e defende que as ações de um indivíduo possuem base em seus dados genéticos e tem como fundamento a análise do ser humano a partir de suas patologias.

construindo bases que expurguem a visão preconceituosa e elitista privilegiada por anos.

Assim, a formação docente deve estar alicerçada em leituras amplas e diversas, que o habilitem a perceber as necessidades da comunidade local, conduzindo o trabalho literário para a fusão entre a estética e a função social da linguagem, observando, também, a questão da fruição como um mecanismo de impacto capaz de gerar mudanças no indivíduo, conforme o pensamento de Barthes (2001, p. 22): “[...] aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor; a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem.”

Portanto, esse artigo tem como objetivo trazer à luz algumas discussões e pautas pertinentes ao trabalho em sala de aula, envolvidas no livro “Úrsula” e o seu posicionamento como porta-voz da comunidade negra, uma vez que, a autora não somente é conhecedora dessas questões por um ponto de vista externo, mas é parte do contexto social e histórico dessa parcela fundamental da sociedade brasileira como um todo.

### **Entre Cortiço e Úrsula: um contraste na construção imagética do negro**

A análise ocorreu a partir de dois romances, a saber, “Úrsula” de Maria Firmina dos Reis e “O Cortiço” de Aluísio de Azevedo. Ambos de movimentos literários diferentes, respectivamente, Romantismo e Naturalismo brasileiro. A escolha desses títulos foi feita no intuito de identificar o posicionamento exposto nos romances a respeito do mesmo sujeito, o negro, através de pontos de vistas vinculados por seus autores e o posicionamento histórico-social, em sua época.

Partimos do pressuposto de que a literatura é uma manifestação que não pode desligar-se de sua realidade, de seu meio de produção e da situação a qual proporcionou sua reflexão original. Portanto, é possível dizer que a literatura é um espelho de uma realidade ou no mínimo declarar que essa é a expressão de partes dessa realidade.

Esse conceito é destacado por Chartier (1990, p. 62-63) no trecho:

todo documento, seja ele literário ou de qualquer outro tipo, é representação do real que se apreende e não se pode desligar de sua realidade de texto construído pautado em regras próprias de produção inerentes a cada gênero de escrita, de testemunho que cria “um real” na própria “historicidade de sua produção e na intencionalidade da sua escrita”. Desta forma, todo tipo de texto possui uma linguagem específica, na qual foi produzido, própria de um segmento particular de produção, e esta ocorre considerando dadas regras peculiares ao meio intelectual de onde emerge, ao veículo em que será veiculada e ao público a que se destina.

É nesse sentido que a literatura do século XIX expressa o pensamento de uma sociedade brasileira em constante movimento e mudanças histórico-sociais, ambiente profícuo para o surgimento de movimentos que buscam uma representação verossímil da realidade do país como um todo.

Nesse cenário, há o surgimento de uma ideia importada do exterior para o Brasil, difundida no “Naturalismo”. Esse movimento torna-se uma oportunidade de atenuar as diferenças de uma nação sem unidade, inconstante e carregada de diferenças, tanto sociais quanto econômicas e culturais. Essa “ideia fora do lugar” (SCHWARTZ, 1992) torna-se uma oportunidade de unificar um país através da própria literatura trazendo a expressão da realidade para um contexto que poderia propiciar a construção de uma identidade nacional, até então inexistente.

Por sua vez, a ideia do Naturalismo traz consigo a necessidade de “aclimatação” para o solo brasileiro, uma vez que, sendo uma ideia estrangeira, é portadora de características estrangeiras bem como a sua origem. Nesse sentido, a aclimatação do movimento naturalista no Brasil ocorreu através da afirmação dos personagens principais na construção do povo brasileiro como um todo, evidenciando as três raças fundamentais do povo: o branco, o negro e o índio e, conseqüentemente, aqueles que foram gerados da mistura dessas três raças e são denominados mestiços. Além disso, evoca-se o cenário e a natureza brasileiros com a incidência fundamental do sol, que é a metáfora dominante transformadora do cenário.

Tomando como exemplo o maior expoente do Naturalismo brasileiro, “O Cortiço” de Aluísio de Azevedo, é clara a influência desse discurso científico e dos personagens constituintes da sociedade brasileira e o seu envolvimento no movimento social do final do século XIX. É necessário portanto ressaltar que o final do século XIX é um momento de efusividade, tanto política quanto econômica e social, visto que em 1888 houve a abolição da escravatura no Brasil e, no ano seguinte, a



proclamação da República. Ambos os fatos viriam a influenciar todos os âmbitos da sociedade brasileira e trazer reflexos também à literatura como um todo.

Em primeiro lugar, a imagem das chamadas “Três raças” constituintes da sociedade brasileira vem carregada dessa mentalidade característica da sociedade escravista da época, tal qual a subalternidade do negro e do índio e da superioridade do branco e do europeu. Esse conceito de raças constituintes da nação brasileira perpassa termos como “fábula das três raças” de autoria de Roberto da Matta (2000) e adentra inclusive a questão da “democracia racial”, proposta por Gilberto Freyre (1933). Fato é que essa discussão perpassa e atravessa a construção de uma literatura de cunho nacional no Brasil, chegando ao conceito da “hierarquia das raças”, expressa no trecho de Maia e Zamora (2018, p. 2): “A lógica racial está no cerne da busca pela identidade nacional, na fundação do Estado Republicano. Ela “garante” a superioridade da raça branca sobre a negra e a indígena, além de condenar à infertilidade e à inferioridade intelectual os mestiços”.

O romance de Aluísio de Azevedo traz como uma das personagens de seu enredo uma cafuza chamada Bertoleza. Ao ressaltar, em primeiro lugar, a caracterização de Bertoleza como uma cafuza, o autor impõe à personagem o peso histórico de, segundo o conceito da hierarquia das raças, ser um indivíduo infértil e intelectualmente inferior por ser o fruto de duas raças inferiores, a saber, o negro e o índio.

Além disso, a descrição do perfil mental de Bertoleza pelo autor deixa em evidência um comportamento instintivo e animalesco de buscar um indivíduo para relacionar-se sexualmente, denotando esse posicionamento a toda cafuza. No entanto, o que se deseja comprovar através desse relato a respeito da personagem no enredo é que ela instintivamente busca relacionar-se com um homem branco por considerar esse indivíduo, superior ao negro em todos seus aspectos. “Ele propôs-lhe morarem juntos e ela concordou de braços abertos, feliz em meter-se de novo com um português, porque, como toda a cafuza, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua”. (AZEVEDO, 2004, p. 3).

O autor também faz questão de ressaltar as características físicas da cafuza e as ocupações da personagem como um indivíduo totalmente capacitado para trabalhos braçais enquanto ressalta as ocupações “administrativas” de João Romão,

num contraste entre o branco e os demais e, por sua vez, entre a capacitação do branco para algumas atividades de maior desenvolvimento intelectual enquanto ao negro e ao mestiço, resta somente o trabalho braçal.

Bertoleza representava agora ao lado de João Romão o papel tríplice de caixeiro, de criada e de amante. Mourejava a valer, mas de cara alegre; às quatro da madrugada estava já na faina de todos os dias, aviando o café para os fregueses e depois preparando o almoço para os trabalhadores de uma pedreira que havia para além de um grande capinjal aos fundos da venda. Varria a casa, cozinhava, vendia ao balcão na taverna, quando o amigo andava ocupado lá por fora; fazia a sua quitanda durante o dia no intervalo de outros serviços, e à noite passava-se para a porta da venda, e, defronte de um fogareiro de barro, fritava fígado e frigia sardinhas, que Romão ia pela manhã, em mangas de camisa, de tamancos e sem meias, comprar à praia do Peixe. E o demônio da mulher ainda encontrava tempo para lavar e consertar, além da sua, a roupa do seu homem, que esta, valha a verdade, não era tanta e nunca passava em todo o mês de alguns pares de calças de zuarte e outras tantas camisas de riscado (AZEVEDO, 2004, p. 4 -5).

Essas características ressaltadas, e o modo como a Bertoleza é retratada, somente reforçam, ainda mais, o estereótipo do negro subalterno e servil que Aluísio de Azevedo atribuiu a essa personagem em todo o livro.

Ainda nesse sentido, é interessante ressaltar, na construção dos personagens João Romão e Bertoleza, a concepção de explorador e explorado. Com a incidência do Sol como metáfora de aclimatação, é explorada a ideia de que o explorador português, no caso João Romão, está somente nessa posição por ser capaz de ser racional e dominar, já que não cede aos seus instintos. No entanto, o explorado, no caso de Bertoleza, o motivo da permanência nessa posição deve-se à incapacidade de dominar a sua própria natureza, cedendo então aos seus instintos e sendo dominada por aquele que é capaz de dominar também a si mesmo.

Por sua vez, através de toda a literatura brasileira, o negro foi explorado como um tema, não como um personagem ativo e possuidor de uma voz, nunca como alguém capaz de contar a sua história, mas sempre tendo ela contada por outrem. História essa que sempre foi retorcida e encharcada de preconceito e juízo de valores alheios.

Tomando como exemplo o cânone literário, a exclusão de obras escrita por negros e com personagens negros que não sejam estereotipados, fica ainda mais evidente.

Eduardo de Assis Duarte em seu artigo “O negro na literatura brasileira” deixa bem claro o motivo de ocorrer essa exclusão.

[...]. Logo, uma série de omissões críticas se junta a fatores histórico-culturais de modo a confinar o ensino da literatura aos nomes consagrados, deixando de fora importantes escritores negros. Acrescente-se a isso a postura elitista que desqualifica gêneros literários tidos como “menores”, a exemplo da crônica e do memorialismo, bem como os textos marcados por posicionamento mais incisivos quanto a desigualdades sociais, em especial no tocante às questões de raça e etnicidade (DUARTE, 2013, p. 147).

Duarte ainda destaca os papéis degradantes que são destinados aos personagens negros na literatura, sempre o coadjuvante, na maioria das vezes o vilão da história, desumanizado, animal sexualizado. Essas características de estereotipação são facilmente encontradas no romance de Aluísio de Azevedo, principalmente na personagem de Bertoleza, como já mencionado.

O autor do artigo traz também informações chocantes em relação à representação negra na literatura brasileira. Segundo dados analisados por ele dos anos de 1990 a 2004 (165 escritores, 258 romances), e de 1965 a 1979 (80 escritores, 130 narrativas).

No período 1990/2004, detectou-se um percentual de apenas 7,9% de personagens negros, frente a 79,8% de brancos, ou seja, dez vezes mais. Analisando a posição de cada um nos enredos, os números são mais estarrecedores ainda: do total, apenas 5,8% são protagonistas e somente 2,7%, ou seja, quatro personagens num universo de cento e sete, são narradores e têm o poder de conduzir o texto. Além disso, mais da metade dos negros presentes nessas histórias cumprem papéis de bandidos ou contraventores, empregados domésticos, escravos, profissionais sexuais ou mendigos. Já no período 1965/1979, há apenas 4,7% de personagens negros, sendo que nenhum dos cento e trinta romances têm um negro como narrador (DUARTE, 2013, p. 148).

Ao olhar atentamente esses dados, é perceptível a falta de interesse em dar voz à comunidade negra para que ela expresse suas experiências e sofrimentos do seu próprio modo e ponto de vista.

Tomando o romance de Aluísio de Azevedo, “O Cortiço”, como exemplo, é perceptível essa tendência de “falar a respeito de” ao invés de deixar que o sujeito conte a sua própria história, inclusive como uma narrativa que se encontra no



intervalo temporal registrado por Duarte, no trecho acima. No entanto, é de se esperar que, devido à análise realizada pelo autor, tomando como objeto a literatura brasileira, o tom de abordagem em relação ao sujeito negro seja sempre o mesmo: representações invariavelmente estereotipadas.

Se faz necessário destacar que Aluísio de Azevedo publicou seu romance “O cortiço” no ano de 1890, enquadrando-se no movimento naturalista brasileiro. No entanto, em 1859, ou seja, 31 anos antes da publicação de Aluísio de Azevedo, a autora Maria Firmina dos Reis fazia a publicação de um livro tido como revolucionário até os dias atuais.

Esse título “revolucionário” é merecido devido à proposição de posicionamentos em meio ao Romantismo que não foram encontrados nem mesmo na literatura que seria lançada muitos anos depois da publicação de “Úrsula”, como é o caso de “O cortiço”.

Num primeiro plano, a vida da autora Maria Firmina dos Reis traz consigo um peso de autoridade como voz da mulher negra na sociedade, uma vez que ela mesma era negra. Filha de uma mulata forra e tendo um único registro de paternidade, este em seu obituário. Assim, a autora era conhecedora da vivência do sujeito e da mulher negra na sociedade, ou seja, não se tratava de uma mera observadora que fazia relatos de maneira distanciada.

A autora era professora de primeiras letras na vila de Guimarães no Maranhão e poderia ter sido considerada a primeira mulher a escrever um romance brasileiro ou, no mínimo, a primeira mulher a escrever um romance no Maranhão.

A história de vida de Maria Firmina dos Reis em si já perpassa todo um processo de exclusão e preconceito racial e é nessa experiência de vida que embebe-se o seu romance “Úrsula” que, embora tendo como protagonistas um casal de pessoas brancas, o enredo carrega grandes personalidades de cor negra e que representam, no entanto, uma visão totalmente destoante da imagem do negro vinculada pelos romances contemporâneos.

Firmina dos Reis faz uma declaração nas primeiras palavras de seu romance, marcada por um posicionamento de sujeição a uma sociedade que depreciava e menosprezava escritoras mulheres e tanto mais negras. Isso fica expressamente claro no trecho de abertura do livro:

Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conservação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo. (REIS, 2018, p.1)

Embora a autora tratasse o seu romance como a um filho que segundo as suas palavras “ela trouxe a lume”, ou seja, deu à luz, ela mesma reconhecia que, perante a sociedade que a circundava, provavelmente aquilo que aos seus olhos era tão valioso - por conter ali parte de sua história e de sua visão de mundo - talvez não viesse a receber o devido valor pelos demais.

A autora nem mesmo assinou o romance com o seu próprio nome, antes, assinou-o como “uma maranhense”. A preocupação da autora e o seu posicionamento diante das circunstâncias em relação ao seu próprio romance estão manifestos na introdução de uma das edições do próprio romance “Úrsula”, escrita por Maria Helena Pereira Toledo Machado: “Sabia muito bem Firmina que o romance escrito por uma mulher provinciana e de vida recolhida não deveria ter grande futuro, pois faltava a ela os meios para se inserir no meio ambiente literário.” (MACHADO, 2019, p.18)

Esse meio ambiente literário diz respeito ao universo dos críticos literários que, segundo a própria descrição de Firmina, são homens que “aconselham, discutem e corrigem”. E a esses homens coube o papel de fazer a crítica do livro de Firmina. A realização da crítica foi composta de observações displicentes e pouco pertinentes, com o intuito de não se comprometerem com a publicação, é o que Machado declara após analisar alguns trechos das críticas feitas pelos jornais a respeito do romance e da autora:

A maneira como o romance foi apreciado nos jornais, que o divulgaram em resenhas econômicas e, em certas passagens, constrangidas, nos diz muito sobre o contexto de publicação. Foi assim que o redator d'A Moderação o anunciou; de forma respeitosa porém distanciada, sem se comprometer com a avaliação da qualidade da obra (MACHADO, 2019, p. 20).

Em outro momento, a crítica do Jornal do Comércio também chegou a declarar que, no futuro, Firmina poderia “dar belos volumes” ao seu romance, mas que até o presente momento a autora somente havia tido um ensaio brilhante de sua carreira.

A crítica do Jornal do Comércio traz também uma observação equivocada a respeito do conteúdo do livro, uma vez que declara que o tema da escravidão era tratado de maneira superficial, como está enfatizado no trecho da própria crítica publicada no jornal: “É pena que o acanhamento mui desculpável da novela escrita não desse todo o desenvolvimento a algumas cenas tocantes, como as da escravidão, que tanto pecam pelo modo abreviado com que são escritas” (MACHADO, 2019, p. 20).

O equívoco do jornal ocorre na declaração de que a maneira com a qual as cenas de escravidão eram expostas tratavam-se de uma exposição superficial e mal explorada, no entanto, hoje defende-se que o romance de Firmina foi o primeiro romance abolicionista brasileiro, tratando de maneira muito mais profunda a escravidão, não meramente relatando acontecimentos mas concedendo um espaço no qual os sujeitos podem ser ouvidos e colocando em seu romance uma visão e posicionamento até então nem mesmo cogitado pela literatura: o escravo como sujeito da sua própria história.

A expressão “sujeito da própria história” pode ser considerada um tanto redundante, no entanto, a representação do negro e de seus descendentes, sendo esses forros ou não, na literatura, sempre esteve aquém da sua real situação social e cognitiva.

Uma vez que, retratado na literatura até mesmo como um “animal” criado de seus senhores, como é o caso da caracterização do escravo Tico em “Inocência” de Visconde de Taunay, até mesmo a capacidade cognitiva de reflexão sobre a sua própria situação lhe é negada.

É nesse sentido que se encontra mais um paradigma que Firmina viria a quebrar com o seu romance, o fato de que a autora não somente dispõe de personagens negros em destaque e relevância no enredo, mas também leva à conclusão de que esses mesmos personagens têm total capacidade de refletir sobre sua própria existência e realizar escolhas, e não somente serem submissos ou agirem instintivamente.

A construção da personalidade e do caráter de Túlio e de mãe Suzana, ambos escravos da casa de “Úrsula”, a protagonista do romance é recheada de características que até então só eram denotadas a brancos, uma vez que, a estereotipação da imagem do negro só proporcionava uma perspectiva do negro vitimizado, sexualizado ou até

mesmo demonizado, como é o caso do romance de José de Alencar “O demônio de familiar”, no qual o escravo Pedro é o próprio demônio familiar.

No romance de Firmina, as reflexões constantes dos escravos Túlio e mãe Suzana, perpassam não somente a condição atual de sua existência, como destacam o trecho de uma das falas de Túlio:

Então o pobre e generoso rapaz engolindo um suspiro magoado, respondeu com amargura, malgrado seu, mal disfarçada:  
- A minha condição é de mísero escravo! Meu senhor – Continuou – Não me chamaí amigo. Calculastes já, sondastes vós a distância que nos separa? Ah! O escravo é tão infeliz!... tão mesquinha, e rasteira é a sua sorte, que... (REIS, 2018, p. 58).

Bem como sua condição de servidão e a posição degradante que injustamente lhes foi incumbida, como também fica expresso na seguinte fala de Túlio:

... porque os desgraçados escravos do comendador, espectros ambulantes, não dispunham de uma só hora no dia, que pudessem dedicar em benefício de suas moradas; à noite trabalhavam ordinariamente até o primeiro cantar do gado. Esfaimados, seminus, espancados cruelmente, suspiravam pelas duas ou três horas desse sono fatigado, que lhes concedia a dureza do seu senhor. (REIS, 2018, p. 158).

Além disso, o passado de liberdade até a captura de homens e mulheres livres nas terras africanas como destaca um trecho da personagem mãe Susana:

Liberdade... Ah! Eu a gozei na minha mocidade!- continuou Suzana com amargura. – Túlio, meu filho, ninguém a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu. Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país, e louca de prazer a essa hora matinal, em que tudo aí respira amor, eu corria descarnadas e arenosas praias, e aí com minhas jovens companheiras, brincando alegres, com o sorriso nos lábios, a paz no coração, divagávamos em busca das mil conchinhas, que bordam as brancas areias daquelas vastas praias. (REIS, 2018, p. 120).

O relato da captura da personagem em terras africanas e as condições de transporte de seres humanos como animais no navio negreiro traz detalhamentos vívidos que vão muito além de uma narrativa distanciada. Trazem uma versão muito mais próxima da realidade dos navios que transportavam os escravos entre o continente africano e a costa brasileira.

Além de todos os aspectos já expostos, a revolução do romance de Firmina atravessa também o conceito de discurso em 1ª pessoa, o que diz respeito a uma construção intencional da narrativa, delegando voz ao negro como personagens fundamentais do romance e não somente descrevendo-os, dando-os numa conotação tendenciosa guiada pela visão do próprio narrador.

A narração de Maria Firmina dos Reis em “Úrsula” é feita, em sua maioria, através do discurso em 3ª pessoa. O pesquisador Arnaldo Franco Júnior, em seu artigo “Operadores de Leitura da Narrativa”, apresenta os tipos de narradores presentes em um texto literário e os efeitos que cada um desempenha na construção da narrativa de uma história.

O autor do artigo explica que a partir do momento em que o narrador da história se encontra na 3ª pessoa poderia haver distanciamento, já que ele conta a história a partir de sua observação e não de uma experiência vivida. “Por sua vez, o narrador que utiliza a 3ª pessoa do discurso (Ele/Eles) seria classificado como narrador observador, pois a 3ª pessoa evidenciaria o seu distanciamento em relação à história narrada.” (FRANCO JR., 2003, p. 39).

Seguindo nas mesmas definições expostas no texto de Franco Júnior, em “Úrsula”, em vários momentos, o narrador concede a “voz” para os personagens negros da história, Susana e Túlio. Essa atitude demonstra uma vontade de colocar o negro em um lugar de protagonismo. O discurso nesses momentos é totalmente livre de qualquer julgamento, qualquer opinião e sentimento que possam vir do narrador.

Um ponto bem importante a ser ressaltado é em relação à consciência da situação em que Túlio e Susana se encontram, a escravidão. O que mais chama atenção em tudo isso é algo que a pesquisadora Maria Helena Machado chama de caminhar “em direção contrária às fantasias de uma escravidão benigna” (MACHADO, 2019, p. 41). O que fica bem claro quando os dois revisitam o passado através de suas reflexões e memória, se recusando a deixar a vida e as lembranças de quando eram livres se dissolverem no meio da crueldade da escravidão.

No romance Úrsula, os negros aparecem culturalmente caracterizados como personagem que expressam a realidade africana presentificada na cultura brasileira, porém pela sinuosidade narrativa empenhada por Maria Firmina dos Reis, os negros assumem a perspectiva crítica em face de sua condição servil, seja

através das palavras que proferem nos diálogos em que usam da voz, seja através dos atos que a eles cabem no encadeamento da construção do enredo (NASCIMENTO, 2009, p. 1).

Maria Firmina rompe com todos os modos de tratamento que um negro recebeu durante a literatura, inclusive em épocas posteriores como no Naturalismo. O negro não é tratado mais como um animal, um objeto descartável, a autora o retrata como pessoas donas de sua própria narrativa e história. A autora teve a coragem de retratar personagens verdadeiros e com uma consciência tão forte que até hoje causam espanto, tudo isso em uma época na qual isso era totalmente impensável.

Ao falar sobre a obra “Úrsula”, é importante sempre lembrar que o livro foi publicado em 1859, no auge do Romantismo no Brasil, porém foge totalmente em alguns aspectos e se aproxima em outros, no que diz respeito ao padrão da escola literária que a produção se encontra.

Um dos maiores exemplos dessa produção destoante dos padrões do romantismo no romance de Firmina é o fato de que a escritora traz uma reflexão a respeito da igualdade entre homens negros e brancos através do protagonista, Tancredo, e o escravo, Túlio, que o resgata em meio a um acidente narrado nas primeiras páginas do romance:

Esse beijo selou para sempre a mútua amizade que em seus peitos sentiam eles nascer e vigorar. As almas generosas são sempre irmãs.

— Não foste por ventura o meu salvador? – perguntou o cavaleiro com acento reconhecido, retirando dos lábios do negro a mão, e malgrado a visível turbacão deste apertando-lhe com transporte a mão grosseira; mas onde descobria, com satisfação, lealdade e pureza.

— Meu amigo, – continuou – podes acreditar no meu reconhecimento e na minha amizade. Quem quer que sejas, eu a prometo: sou para ti um desconhecido; e inda assim foste generoso e desinteressado. Arrancando-me à morte tens desempenhado a mais nobre missão de que o homem está incumbido por Deus – a fraternidade. Continua, agora peço-te em nome da amizade que te consagro, continua a tua obra de generosidade; porque sinto que tenho febre, e não me posso erguer (REIS, 2018, p. 57).

O posicionamento de Tancredo em relação a Túlio, sendo Tancredo um homem branco e livre e Túlio um homem negro e escravo, não se trata de uma imposição de subalternidade ou de um posicionamento de desprezo em relação a Túlio, à despeito de sua situação de escravidão, o que até o presente momento histórico tratava-se de



um posicionamento inconcebível. Pelo contrário, a sociedade vivia para reforçar que homens brancos eram superiores e homens negros eram inferiores. Retornando ao conceito de que “a literatura é espelho da sociedade”, a sociedade brasileira desse momento, retratada por inúmeros romances, somente atesta que esse comportamento era recorrente e até mesmo considerado comum.

A atitude do protagonista em chamar de “amigo” um escravo é subversiva, mas ainda vem a atingir o seu auge quando, então, Tancredo presenteia a Túlio com o valor necessário para que ele venha a comprar a sua própria alforria. No entanto, a maior declaração do protagonista a respeito da escravidão e da igualdade entre negros e brancos ocorre no seguinte trecho:

– Cala-te, oh! Pelo céu, cala-te, meu pobre Túlio – interrompeu o jovem cavaleiro – dia virá em que os homens reconheçam que são todos irmãos.

Túlio, meu amigo, eu avalio a grandeza de dores sem lenitivo, que te borbulha na alma, compreendo tua amargura, e amaldiçoo em teu nome ao primeiro homem que escravizou a seu semelhante. Sim-prosseguiu- tens razão; o branco desdenhou a generosidade do negro, e cuspiu sobre a pureza dos seus sentimentos! (REIS, 2018, p. 28).

Tancredo simplesmente veste um discurso abolicionista e declara palavras que até o momento, e mesmo depois de anos da publicação de “Úrsula”, ainda haviam de ser ditas e descobertas com pouca audácia e de maneira vagarosa pela sociedade brasileira.

Tomando o romance de Firmina como exemplo do Romantismo, ainda que este carregue aspectos que se assemelham à estética romântica, Úrsula possui características distintas do movimento que a originou.

O casal, e protagonistas do enredo, é a materialização do herói romântico e a mulher ideal dentro dos padrões românticos. Tancredo é heroico, inteiramente fiel aos seus princípios e corajoso, enquanto Úrsula é pura, casta e detentora de uma beleza angelical.

O amor de Tancredo e Úrsula é característico da época, que põe em evidência o sentimentalismo em detrimento da razão. O seu amor é puro, casto e elevado, e não apresenta nenhuma característica de amor mundano, senão demonstrações constantes de uma elevação espiritual compartilhada por ambos. “Ambos são jovens, e

seu amor é puro e altruísta, além de isento de paixões, no sentido que os personagens têm seus instintos e desejos controlados por um senso de benevolência, bondade e empatia com os sofredores. Assim, os dois são nobres” (MACHADO, 2019, p. 35).

Esse amor idealizado é faltoso de verossimilhança: ocorre de uma maneira rápida e recíproca, beirando o absurdo e a irrealidade. Aliado a essa tendência de amor súbito, nota-se que a ideia do “amar e ser amado” é muito presente, uma vez que os personagens não parecem saber o que é o amor de fato, portanto, há uma valorização dessa paixão arrebatadora.

Outra característica romântica bem presente no livro é a questão do pessimismo dos personagens. Esse aspecto é perceptível tanto em relação ao casal protagonista quanto a Túlio, Suzana e Luiza B., já que todos expressam nuances de sofrimento profundo durante todo o romance e em suas respectivas histórias de vida, perpassadas por sofrimento: dor, morte, doenças, traições.

Como um romance característico do movimento Romantismo, a morte se faz muito presente e por vezes é até mesmo valorizada na trajetória de todos os personagens. Essa evocação da morte toma mais fôlego à medida que, no decorrer do romance, os personagens de maior importância na narrativa vão morrendo de maneira violenta e dramática. A morte de Tancredo, por amor a Úrsula, e ela, por sua vez, enlouquecida pela perda de seu amor, dão o tom da narrativa, porém, as mortes mais trágicas ficam guardadas para Túlio e Suzana, que terminam seus dias assassinados.

Portanto, “Úrsula” é um romance extremamente romântico que se encaixa em vários aspectos, mas apresenta dissonâncias de seu movimento e são justamente essas características que o tornam mais notório e revolucionário.

### **O trabalho com Úrsula na formação de professores e na construção de uma competência literária crítica**

Maria Firmina dos Reis quebrou paradigmas e escreveu um livro que representou a voz de uma parcela da sociedade, que até então foi tratada como

coadjuvante de sua própria história e quando citada, era feita de forma estereotipada e desumana. E é por essas questões que essa obra merece um olhar mais atento e minucioso, tanto por docente quanto por estudantes da educação básica, uma vez que inserem o leitor em questões sociais pertinentes e ainda atuais na sociedade brasileira.

Como citado por Viegas (2014, p. 4), “O conhecimento contextual leva os professores para além das estratégias da prática de ensino, obrigando-os a analisar as necessidades dos alunos dentro de vários contextos socioculturais, econômicos e políticos.” Nessa visão, do poder que a literatura tem de aproximar o leitor desses temas sociais, a análise sobre o romance “Úrsula”, e todas as questões que a envolvem, pode envolver pressupostos da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), assumindo a necessidade de perceber o ensino como fio norteador para a reflexão sobre as práticas sociais, em especial aquelas que precisam ser reconstituídas, excluindo-se o preconceito e a discriminação.

É necessária, portanto, uma formação docente no curso de Letras que instrumentalize o professor para perceber os possíveis papéis literários - de “função” prioritariamente estilística, mas que reflete um contexto relevante ao cidadão. Além disso, temáticas menos priorizadas e de impacto na formação da identidade nacional precisam ser discutidas e embasadas, conferindo ao docente a percepção da necessidade desse trabalho na sala de aula.

Para os discentes, a formação de competências linguísticas relativas ao texto literário deve levar em conta o entorno da obra, que reflete a realidade temporal e que, no caso da diversidade cultural e da manifestação de preconceitos, ainda precisa ser debatida e revisitada de forma crítica.

Por sua vez, o dia da consciência negra apresenta-se como possibilidade para a discussão mais aprofundada do tema, uma vez que a lei 10639 da Constituição Brasileira, em seu Art. 26, estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira. E, ainda que tais conteúdos sejam ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, nesse caso, o ensino da literatura carrega o propósito de levar os alunos a uma reflexão mais aprofundada a respeito das questões concernentes ao tratamento do indivíduo negro, que é parte constituinte do povo brasileiro, na sociedade atual. Permite-se, então, analisar as condições e as necessidades dos alunos dentro dos seus contextos sociais, trazendo a realidade do indivíduo negro não

somente na constituição primordial do povo mas em suas vivências atuais e as suas implicações e do aluno branco no reconhecimento do lugar do outro.

Para tanto, pode-se lançar mão das reflexões trazidas pela produção de Firmina dos Reis em consonância com notícias e manchetes de jornais atualizados para operar um contraponto entre a realidade representada pela narrativa e a realidade demonstrada pelas notícias. Nesse ponto, a perspectiva de Jouve (2013) se fez presente, ao mediar e conduzir os participantes a não somente olhar os acontecimentos de forma distanciada e desligada da realidade, mas de auto significar a vivência e a percepção social. Esse processo permitiu apropriação da narrativa para que haja um encontro com a própria história, de forma a produzir um conhecimento real e significativo.

### **Considerações Finais**

A obra de Maria Firmina dos Reis traz reflexões que no seu momento histórico, social, político e econômico eram impensáveis, no que diz respeito ao posicionamento de uma sociedade em relação a uma parcela fundamental da população brasileira e da sua constituição como um todo. Apesar da falta de representatividade no cânone literário, acreditamos que uma análise mais minuciosa desse conteúdo, que não é meramente um relato distanciado, mas uma expressão de um ponto de vista até então suprimido na literatura, expressos na composição de “Úrsula”, merecem ser estudados com mais afinco e analisados como um posicionamento vanguardista de uma mulher que ousou ser porta-voz de uma comunidade e de suas questões e paradigmas. Para isso, a formação docente engajada a uma prática de leitura literária fundamentada é essencial para o desenvolvimento das competências subjacentes à cultura e aos valores sociais.

Assim, no que diz respeito ao ensino de literatura, “Úrsula” se apresenta como formadora de indivíduos que se aproximam de sua realidade trazendo reflexões significativas por meio do olhar para a constituição de sua história, servindo a um papel de conscientização e conhecimento da história.

### **Referências**

AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo, Martin Claret, 2004.

BARTHES, R. *O prazer do texto*. São Paulo: Ed. Elos. 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. MEC, 2017. Brasília, DF, 2017. Disponível em < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DA MATTA, Roberto. *Digressão: A fábula das Três Raças, ou o Problema do Racismo à Brasileira. Relativizando. Uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DUARTE, Eduardo A. *O negro na literatura brasileira*. Belo Horizonte: UFMG, 2013. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/viewFile/16787/10936>. Acesso em: 10 Set. 2019.

FRANCO JR., Arnaldo. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, Thomas e ZOLIN, Lúcia Osana. (orgs.) *Teoria da Literatura, abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: UEM, 2003, p. 33-56.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.

JOUBE, Vincent; REZENDE, Neide Luzia de. *A leitura como retorno a si: sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas. Leitura subjetiva e ensino de literatura* [S.l: s.n.], 2013.

MAIA, Kenia Soares; ZAMORA, Maria Helena Navas. O Brasil e a lógica racial: do branqueamento à produção de subjetividade do racismo. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 265-286, 2018.

MACHADO, Maria. *Maria Firmina dos Reis: invisibilidade e presença de uma romancista negra no Brasil do século XIX ao XXI*. São Paulo: USP, 2019.

NASCIMENTO, Juliano C. *A construção do negro no romance Úrsula*. Belo Horizonte-UFMG: Literafro, 2017.

REIS, Maria Firmina. *Úrsula*. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2018.

SCHWARTZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades, 1992.

VIEGAS, Ana Cristina Coutinho. Literatura e escola: a formação do leitor no Ensino Médio. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2014, Uberlândia. *Anais do SIELP 2014*. Uberlândia: EDUFU, 2014. v. 3.

*Recebido em: 16 abril 2021  
Aceite em: 05 novembro 2021*